

QUEM LÊ VIAJA: TERRITÓRIOS E TRAJETÓRIAS NAS VOZES INFANTIS

Lorena Bischoff Trescastro¹
Sérgio Renato Lima Pinto²

Resumo: Baseado em Bakhtin (2003) e Chartier (2007), este trabalho investiga territórios e trajetórias de leitura das vozes escreventes em textos de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, em escola pública municipal de Belém-PA. Na análise, observou-se que as obras literárias lidas, por possibilitarem deslocamentos imaginários próprios da cultura escrita, ecoaram nos textos infantis.

Para iniciar

O interesse em realizar este estudo adveio da leitura de um conjunto de textos escritos por crianças do 3º ano do Ensino Fundamental. Ao lermos os textos das crianças nossa intenção não foi de rotulá-los de bem ou mal escritos, mas de buscar neles seus múltiplos sentidos. Nossa surpresa foi que, uma turma de alunos, diferentemente de outras que lemos, citou em seus textos lugares diferentes que nos transportaram para os lugares citados pelas crianças em seus textos. Tal experiência de leitura dos textos infantis nos proporcionou diálogos, descobertas e momentos de riso, efeitos de sentidos das leituras. Isso nos remeteu a já conhecida metáfora atribuída ao ato de ler: ‘Quem lê viaja’. Na leitura dos textos das crianças, nos deslocamos no tempo e no espaço, por isso tomamos estas categorias para estudo, ao que denominamos ‘territórios e trajetórias nas vozes infantis’.

Normalmente, as categorias de tempo e espaço passam despercebidas na análise de textos infantis, ou, então, quando estudadas costumam ser tratadas separadamente. Para estudarmos territórios e trajetórias de leitura das vozes escreventes, buscamos, nos pressupostos de Bakhtin (2003), o conceito de cronotopo. Para Bakhtin (2003), no mundo narrativo, há uma conexão intrínseca das relações temporais e espaciais na construção da narrativa, ao que o autor denomina cronotopo. O tempo e o espaço, fundidos na criação literária, revelam “a capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento” (BAKHTIN, 2003, p. 225).

Segundo Bakhtin (2003, p. 246), o mundo “visível e conhecido, denso e real”, constituído no texto narrativo, é “uma nesga descontínua do espaço terrestre e uma nesga igualmente pequena e estilhaçada do tempo real”. No conceito de cronotopo literário, as categorias de tempo e espaço se fundem na construção do mundo narrativo, como um todo concreto e visível de deslocamentos temporais e espaciais, na criação do enredo e da história, do acontecimento. O que caracteriza o cronotopo, portanto, é a intersecção do tempo e do espaço na constituição da narrativa; é um modo de ver o mundo; “é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos)” (BAKHTIN, 2003, p. 225).

A ideia de leitura em movimento também está presente nas discussões de Chartier (1999, p. 77), quando ele afirma que

a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) O leitor é um caçador que percorre terras alheias. Aprendido pela leitura, o texto

¹ Centro de Formação de Professores-SEMEC, Belém, Pará, Brasil. E-mail: lbtrescastro@hotmail.com.

² Centro de Formação de Professores-SEMEC, Belém, Pará, Brasil. E-mail: renatolpinto@hotmail.com.

não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças as práticas leitoras.

A produção de sentidos na leitura é um processo dependente do conhecimento prévio que o leitor detém e utiliza na leitura (KLEIMAN, 1992). Para construir os sentidos dos textos, o leitor acessa três tipos de conhecimento que interagem entre si, a saber: o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. O conhecimento linguístico, dentre outros aspectos, compreende a pronúncia das palavras no ato de fala, o vocabulário que compõe o repertório do falante, as regras da língua materna, os diferentes tipos de textos, o conhecimento do uso da língua em diferentes atividades discursivas e as subjetividades intrínsecas a cada usuário da língua.

O conhecimento de mundo, também chamado enciclopédico, abarca os conhecimentos formais e informais adquiridos pelo leitor em suas vivências. No entanto, Kleiman (1992, p. 21) pondera de que “para haver compreensão, durante a leitura, aquela parte do nosso conhecimento de mundo que é relevante à leitura do texto, deve estar ativada, isto é, deve estar num nível ciente, e não perdida no fundo de nossa memória”. O conhecimento de mundo ativado, durante a leitura, faz parte das memórias e recordações do leitor, não do texto propriamente, por isso são chamados de extralinguísticos. Com esse conhecimento, por exemplo, o leitor pode completar lacunas, fazer inferências e identificar informações implícitas.

Nosso estudo, fundamentado em Bakhtin (2003), Chartier (2007) e Kleiman (2002), investiga territórios e trajetórias de leitura das vozes escreventes em textos escolares, produzidos por crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, em escola pública municipal de Belém-PA.

Contexto e procedimentos da pesquisa

O corpus da pesquisa é constituído de vinte nove textos infantis, escritos em 29 de novembro de 2017, por crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de escola pública da rede municipal de Belém-Pará, localizada no bairro do Guamá, a partir da leitura de uma consigna (Figura 1) que solicitou a escrita de uma história, cujo personagem era um menino curioso que fazia perguntas e buscava descobrir como era o mundo.

Rodrigo é um menino muito curioso. Ele vive fazendo perguntas para as pessoas porque quer descobrir como é o mundo. Escreva uma história contando por onde Rodrigo andou, com quem ele falou e o que ele descobriu sobre o mundo.

Figura 01: Consigna à atividade de escrita. SEMEC/CFP, 2017.

Entendemos por consigna o comando de uma questão ou atividade que a criança deve realizar. A consigna, do modo como se apresentou, sem definir um lugar do mundo específico visitado pelo personagem, instigou a criança a ativar em seu conhecimento de mundo prováveis territórios e lugares por onde o personagem passou.

As fontes foram obtidas nos arquivos do Centro de Formação de Professores (SEMEC, 2017). Essas fontes podem “ser classificadas em primárias, ou originais, quando se acessa por primeira vez uma determinada informação ou quando se recorre a documentos originais e

autênticos” (NUNES, 2006, p. 194). No artigo, utilizamos uma transcrição normalizada dos textos infantis, na qual erros de ortografia e pontuação foram subtraídos, para garantir a legibilidade aos leitores, e usamos nomes fictícios para preservar a identidade das crianças.

Ao tomarmos os textos infantis como corpus para análise, nossa pesquisa assume caráter documental, cuja análise das fontes está ancorada nos estudos da linguagem e da educação voltados para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, tendo em vista a alfabetização e o letramento de crianças em contexto escolar.

Territórios e trajetórias nas vozes infantis

No estudo, os textos infantis são vistos como enunciados. Para Bakhtin (2003, p. 297), “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva”. Os textos que as crianças escreveram se conectam com outros textos lidos, outras vivências, outras vozes ouvidas, antes da sua escrita, e, da mesma forma, ecoam e produzem ressonâncias de suas histórias de vida e de histórias imaginadas a partir de fragmentos escolhidos para compor o texto, daí que denominamos os textos das crianças como ‘vozes escreventes’. De fato, o que encontramos nos textos, foi uma multiplicidade de vozes, de um fragmento de mundo dos tempos e espaços mencionados.

Foram duas questões que nortearam a análise: Que lugares foram mencionados nos textos das crianças? Que obras literárias lidas ecoaram nos textos infantis?. Essas duas questões interligadas buscam identificar tanto os territórios quanto as trajetórias de leitura que possibilitam deslocamentos imaginários por meio da escrita. Para ilustrar a análise, selecionamos do conjunto de 29 textos de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, três textos, por serem, ao mesmo tempo, elucidativos do que nos propomos a discutir no trabalho e distintos entre si em algum aspecto na produção da narrativa.

O menino curioso

Uma vez um menino muito curioso que se chamava Rodrigo andou até Canudos para conhecer o mundo.

Perguntou para uma pessoa chamada Paulo, ele disse:

- No mundo tem vários lugares legais, muitas coisas, pessoas.

E Rodrigo saiu andando, quando de repente ele parou num lugar chamado Guamá. Um lugar muito lindo que tem um rio.

Ele perguntou para uma pessoa chamada Gabriela que disse:

- Esse mundo é colorido, tem vários tipos de cores. E muitas coisas legais.

Quando de repente ele foi para o paraíso cheio de flores, pássaros etc.

Transcrição 1 - Samara, 8 anos

Para Bakhtin (1993, p. 212), “o princípio condutor do cronotopo é o tempo”. O texto de Samara inicia com uma expressão de tempo ‘uma vez’ e, no enredo, expressa deslocamentos no tempo e no espaço, de modo interligado. Ela evoca lugares conhecidos, como ‘Canudos’ e ‘Guamá’, bairros da cidade de Belém, que a menina conhece, pois é onde ela mora e estuda, porque sua escola está localizada no bairro do Guamá, lugar em que ‘tem um rio’, como Samara cita. Além de lugares do território de Belém, que Samara conhece, ela ao final do texto, nos surpreende, pois sai de um lugar conhecido (Guamá) para um lugar imaginado ‘o paraíso’, cuja imagem é mostrada como ‘cheio de flores, pássaros’. O que essa voz nos escreve advém tanto

de suas vivências pessoais quanto pelas possíveis leituras que já fez de algum livro que fala do paraíso, que pode ser um conto ou um texto bíblico.

Um menino muito curioso

Rodrigo era uma criança muito obediente e inteligente. Ele estava no jardim com seu cachorrinho brincando.

Um dia ele perguntou para sua mãe:

- Mamãe, como estrelas foram criadas? A lua, o sol, o espaço sideral?

Sua mãe falou:

- Não sei, filho.

Ele foi lendo muitos livros. Ele viajou para muito lugar. Ele descobriu que a lua era feita de queijo. O sol era radiante. O espaço sideral era cheio de planetas. As estrelas eram muito brilhantes. E quando amanhecia, elas ficavam no mesmo lugar.

Rodrigo foi ao Japão, na China e Argentina.

Transcrição 2 - Milene, 8 anos

Como no texto de Samara, Milene também evoca em seu texto conhecimentos obtidos pela leitura (a lua, o sol, o espaço sideral) como outros países, lugares distantes (Japão, China, Argentina), provavelmente conhecidos de ouvir falar ou vistos na televisão. Pois sabemos que a leitura possibilita ao leitor conhecer outros tempos e lugares, pelos quais ainda não viveu ou passou. Na introdução, o ‘jardim’ foi o lugar em que o personagem estava, na história Rodrigo passou a ler ‘muitos livros’, outro acontecimento, que lhe possibilitou viajar ‘para muito lugar’ e conhecer coisas ‘a lua’, ‘o sol’, ‘o espaço sideral’, que coerentemente, no texto, respondem as perguntas que o personagem fez a sua mãe no início do texto. Como se vê, para Milene, as respostas parecem estar nos livros e podem ser obtidas pela leitura.

Rodrigo o menino curioso

Rodrigo, por ser um menino curioso, um dia ele foi pra África. Descobriu que lá só tem gente negra, mas todas legais. Deram roupa pra ele usar. Ensinararam ele a fazer tranças e comidas típicas de lá. Várias coisas ele aprendeu.

Rodrigo também foi pro Rio de Janeiro. Ele descobriu que lá faz muito frio. Ele conversou com famosas como Larissa, Manoela, Anitta, João Guilherme, vários famosos.

Rodrigo também foi para Paris. Ele viu a torre Eiffel bem de pertinho e apreciou com todo carinho.

Conheceu a França, Europa, São Paulo, Estados Unidos. O mundo inteiro ele conheceu.

Transcrição 3 - Larissa, 8 anos

Quanto às expressões temporais, Samara usou ‘uma vez’ e ‘quando de repente’; Milene escreveu ‘um dia’ e ‘E quando amanhecia’; já Larissa, no início do texto, citou, como Milene, ‘um dia’, essa é uma forma de expressão de tempo recorrente nas histórias infantis e, também, nos textos das crianças. Em relação ao espaço da narrativa, Larissa foi a voz que percorreu mais lugares: ‘África’, ‘Rio de Janeiro’, ‘Paris’, ‘França’, ‘Europa’, ‘São Paulo’, ‘Estados Unidos’ e, também, citou pessoas ‘vários famosos’. Nas narrativas infantis, “ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 1993, p. 211).

Os lugares mais citados nos textos infantis foram: África, Japão, Estados Unidos, França, Europa, Rio de Janeiro, São Paulo. Possivelmente, as crianças nunca tenham visitado esses lugares, mas parecem conhecê-los, porque pela leitura é possível acessar conteúdos de livros e de outras mídias, como a televisão e a Internet, ampliando a visão de mundo e acrescentando conhecimentos de novos repertórios, a partir dos quais a criança pode imaginar e evocá-los em suas histórias quando solicitadas a escreverem textos escolares.

De modo geral, em uma atitude responsiva ao enunciado da consigna, o texto infantil produzido e lido foi sempre novo. Embora partindo de uma mesma consigna, diferentes territórios e trajetórias foram evocados pelas crianças, destacando a autoria e a criação das vozes infantis, em uma produção que surpreende o leitor pois não se repete.

Para concluir

Muitos e diferentes lugares foram visitados pelas vozes das crianças em seus textos. Esses lugares foram tanto espaços conhecidos como bairros de Belém-Pará (Canudos e Guamá), outras cidades ou estados brasileiros (São Paulo, Rio de Janeiro), países (Japão, Estados Unidos, França) e continentes (África, Europa).

Em parte, isso se deve à imaginação infantil e, em parte, devido à abertura dada pela consigna que não definiu um lugar do mundo específico a ser visitado por Rodrigo, assim, instigou a criança a ativar em seu conhecimento de mundo prováveis territórios e lugares por onde o personagem passou. Talvez, em alguns momentos, fosse a voz escrevente um pouco o personagem, seja por expressar o conhecido ou imaginado, na narrativa de acontecimentos que interligaram tempos e espaços.

Por fim, pode-se dizer que a leitura dos textos infantis provocou uma viagem de efeitos de sentido: surpresa, humor, riso, curiosidade, desejo de interlocução.

Referências

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3. ed. Tradução Aurora Fornoni Bernardi et al. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARTIER, R. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1992.

NUNES, A. A. Fontes para a história da educação. *Dossiê Temático: fontes documentais para a História da Educação, Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, n. 2, p. 187-206, 2006.